

O ANDARILHO DAS ESTRELAS



Jack London

**O ANDARILHO
DAS ESTRELAS**

© 2004 – Conhecimento Editorial Ltda.

O Andarilho das Estrelas

Jack London

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
www.edconhecimento.com.br
conhecimento@edconhecimento.com.br
Limeira – SP – Fone: 19 3451-5440

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução:

Marco Castilho / Mariléa de Castro

Revisão e adaptação à língua portuguesa:

Margareth Rose Fonseca Carvalho

Projeto Gráfico:

Sérgio Carvalho

Ilustrações:

Mario Diniz

Colaborou nesta edição:

Paulo Gontijo de Almeida

ISBN 978-85-7618-019-7

1ª Edição – 2004

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

London, Jack

O Andarilho das Estrelas / Jack London : [tradução Marco Castilho / Mariléa de Castro]. — 1ª ed. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2004.

ISBN 978-85-7618-019-7

1. Ficção norte-americana 2. Ficção psicológica 3. Prisioneiros - ficção 4. Prisioneiros no corredor da morte - ficção 5. Reencarnação - ficção 6. San Quentin (Calif.) - ficção I. Título

04-5877

CDD – 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Jack London

O ANDARILHO DAS ESTRELAS

1ª edição
2009



DURANTE TODA MINHA VIDA, TIVE CONSCIÊNCIA DE OUTROS TEMPOS, DE OUTROS LUGARES. SEMPRE PERCEBI OUTRAS personalidades inerentes a mim. Acredite nisso, você que vai ler este livro! Lembre-se de seus primeiros anos de vida e essa impressão também virá à tona, como uma experiência da infância. Nesse tempo de que lhe falo, você ainda não estava totalmente formado. Era apenas uma consciência em processo de constituição e de esquecimento. Com o tempo, você esqueceu muitas coisas. Mas, agora, enquanto lê estas linhas, recorda vagamente esses cenários de outrora que seus olhos de criança perceberam um dia. Para você, essas lembranças eram apenas sonhos. Mas, se eram somente sonhos, de onde vem sua essência?

Nossos sonhos são formados pelas experiências que vivemos. Quando crianças, sonhamos que despencamos de grandes alturas; sonhamos que voamos como pássaros; nos assustamos com aranhas e insetos rastejantes; ouvimos vozes; vemos rostos estranhamente familiares, como num pesadelo; contemplamos crepúsculos diferentes que, hoje, ao olharmos para o passado, percebemos que jamais os vimos.

Pois bem! Essas visões pueris pertencem a uma outra época, a uma outra existência; estão ligadas a coisas que nunca vimos nesta vida. Mas como? De outros mundos? Talvez, depois de ler o que vou escrever, você obtenha as respostas para tais perguntas. Talvez até já se tenha feito as mesmas perguntas.

Wordsworth¹ sabia disso. Ele não era vidente nem profeta, apenas um homem como eu, como você. O que ele sabia, você também sabe, qualquer um de nós sabe. Mas ele relatou essas impressões com perfeição naquela passagem que começa assim: “Nem em nudez absoluta nem em completo esquecimento...”.

Ah, realmente, as sombras do aprisionamento físico recaem sobre nós, seres humanos, e logo caímos no esquecimento! Mas, quando recém-nascidos, percebemos outros tempos e lugares. Ainda de colo, sonhamos com vãos que nos parecem desconhecidos; suportamos o tormento de pesadelos assustadores com criaturas monstruosas e coisas vagas. Recém-nascidos, sem experiência, temos muito medo, trazemos a memória do medo; e memória é experiência.

Quanto a mim, mal comecei a falar e já sabia que havia sido um andarilho das estrelas. Sim, eu, cujos lábios nunca tinham balbuciado a palavra “rei”, me lembrava de que fora um dia o filho de um rei. E mais: lembrava de ter sido um escravo, filho de outro escravo, e que usara uma coleira de ferro ao redor do pescoço. E ainda mais: quando eu tinha três, quatro, cinco anos, eu ainda não era “eu”. Era um mero porvir, um fluxo de espírito ainda não cristalizado no molde da carne, ainda que não enquadrado no tempo e no espaço. Naquela época, tudo o que eu já tinha sido em dez mil vidas anteriores lutava dentro de mim, perturbando o fluxo de minha existência, no esforço de se incorporar a mim, de tornar-se parte de mim.

Tudo isso parece uma tolice, não é? Pois eu o convido, caro leitor, a fazer uma longa viagem comigo, através do

1 William Wordsworth (1770-1850) - Poeta inglês, defendeu a experiência subjetiva da imaginação.

tempo e do espaço. Pensei muito sobre essas questões durante noites sombrias que perduraram anos; estive sozinho com meus diversos “eus”, consultando-os e contemplando-os; passei pelos infernos de todas as minhas existências para trazer-lhe esta mensagem, que você compartilhará comigo no decorrer destas páginas.

Repito que enquanto tinha três, quatro, cinco anos, ainda não era quem sou. Simplesmente estava me adaptando ao molde de meu corpo, à medida que todo o passado poderoso, indestrutível, forjava-se em mim para determinar a forma que eu tomaria. Assim, não era minha voz que gritava no meio da noite com medo das coisas desconhecidas. Não eram minhas as raivas, os amores e as risadas. Outras vozes gritavam através da minha voz: vozes de homens e mulheres de outra, de todas as hostes sombrias de meus antepassados. E o rosnar da minha raiva se misturava ao rosnar de feras mais antigas que as montanhas; os gritos loucos da minha histeria de criança, com toda a sua ira, compunham seu acorde com os gritos desumanos das feras pré-adâmicas das eras pré-geológicas.

E, assim, acabo de revelar o meu segredo: a ira sangüinária! Ela me arruinou nesta atual existência. Por causa dela, dentro de poucas semanas vou ser levado desta cela para um cadafalso, onde serei enforcado. Essa fúria sangüinária sempre me acompanhou em todas as minhas vidas anteriores; ela é a herança de um tempo muito distante, antes da aurora do mundo.

Já é hora de me apresentar. Não sou louco nem lunático. Quero que você saiba disso, para que acredite no que vou contar. Sou Darrell Standing. Alguns leitores talvez me identifiquem imediatamente. Mas, para a maioria que não me conhece, vou contar um pouco sobre minhas experiências. Há oito anos, eu era professor de agronomia na Escola de Agricultura da Universidade da Califórnia. Há oito anos, a pacata cidade universitária de Berkeley ficou chocada com o assassinato do professor Haskell num dos laboratórios da Mineração. Darrell Standing foi o assassino.

Eu sou Darrell Standing. Fui pego em flagrante. Não vou

discutir aqui detalhes desse caso com o professor Haskell. Foi uma questão puramente particular. O fato é que, num acesso de ira, obcecado pela fatídica fúria sanguinária que me amaldiçoa ao longo dos tempos, matei meu colega. Os registros do tribunal mostram que fui o assassino, e, ao menos nisso, concordo com eles. Mas não vou ser enforcado por ter matado o professor. Minha punição, nesse caso, foi a prisão perpétua. Eu tinha, na época, trinta e seis anos. Hoje, tenho quarenta e quatro. Passei esses oito últimos anos na Prisão Estadual da Califórnia, em San Quentin. Cinco deles, na escuridão, numa solitária. Os homens que passaram por ela chamam-na de “morte em vida”. Mas, durante esses cinco anos de isolamento, consegui atingir a liberdade que poucos homens já conheceram. Mesmo sendo o mais confinado dos prisioneiros, não só percorri o mundo, mas também viajei pelo tempo. As pessoas que me confinaram durante esses anos acabaram me presenteando, de maneira totalmente involuntária, com a vastidão dos séculos. De fato, graças a Ed Morrell, passei cinco anos viajando pelas estrelas. Mas Ed Morrell é outra história. Vou falar sobre ele mais tarde. Tenho tanto a contar que mal sei por onde começar.

Bem, nasci numa cidadezinha de Minnesota. Minha mãe era filha de um imigrante sueco. O nome dela era Hilda Tonnesson. Meu pai, Chauncey Standing, um americano de antiga linhagem, descendia de Alfred Standing, um servo — ou escravo, se preferir — degredado da Inglaterra para as plantações da Virgínia, numa época que já pertencia ao passado quando o jovem George Washington começou a explorar as selvas da Pensilvânia.

Um filho de Alfred Standing lutou na Guerra da Revolução; um neto, na guerra de 1812. Desde então, não houve uma guerra em que os Standing não participassem. Eu, o último dos Standing, que logo vou morrer sem deixar descendentes, lutei como soldado nas Filipinas, em nossa mais recente guerra. Para fazê-lo, abandonei a Universidade do Nebraska, quando minha carreira começava a ascender. Céus! Quando me demiti, estava para ser nomeado diretor da Escola de Agronomia daquela universidade — eu, o andarilho

das estrelas, o aventureiro sanguinário, o Caim errante dos séculos, o sacerdote guerreiro dos tempos mais remotos, o poeta sonhador de eras esquecidas, sem registro na História da humanidade.

E aqui estou, com minhas mãos maculadas de sangue, no corredor da morte da Prisão Estadual de Folsom, esperando o dia decretado pelo Estado para que me conduzam àquilo que eles acreditam ser as trevas — a escuridão ameaçadora que lhes desperta fantasias supersticiosas; as trevas que os arrastam, soluçantes, aos altares dos deuses antropomórficos criados pelo medo.

Não, nunca vou ser diretor em nenhuma faculdade de agronomia. E, entretanto, conheço tudo sobre agricultura. Era a minha profissão. Nasci para exercê-la; fui criado e treinado para praticá-la; era perito nisso. Era minha especialidade. Sou capaz de selecionar, simplesmente observando, qual vaca num rebanho possui mais alto porcentual de gordura no leite. Os testes Babcock apenas confirmarão meu olho clínico. Consigo, apenas observando a paisagem, avaliar as qualidades e os defeitos do solo. Não preciso de papel de tornassol para determinar a acidez ou alcalinidade de um solo. Repito: a administração agrícola em suas condições científicas mais elevadas, era minha especialidade... é minha especialidade! E ainda assim o Estado, incluindo todos os seus cidadãos, acredita que pode destruir toda essa minha sabedoria com a morte, colocando uma corda em meu pescoço — essa minha sabedoria que ficou incubada durante milênios e que já estava bem amadurecida antes mesmo que os campos de Tróia servissem de pastagem para os rebanhos de pastores nômades.

Milho? Quem mais conhece milho? Observe minha demonstração em Wistar: com ela aumentei em meio milhão de dólares a produção anual de milho de Iowa. Isso faz parte da História. Muitos fazendeiros que hoje andam de carro, sabem quem lhes possibilitou aquele automóvel. Muitos estudantes nem sonham que fui eu quem lhes possibilitou acesso à educação superior, graças ao que eu lhes ensinei sobre o cultivo do milho em Wistar.

E a administração das fazendas! Eu conheço o desperdício de movimentos supérfluos sem precisar estudar os registros de uma fazenda ou da mão-de-obra, de um projeto de construção ou da programação do trabalho agrícola. Criei um manual com tabelas sobre o assunto. Sem sombra de dúvida, neste exato momento, milhares de fazendeiros estudam nas páginas do meu manual, antes de darem a última cachimbada e irem para a cama. Entretanto, eu fui muito além de minhas tabelas: simplesmente olhava para um homem e já conhecia suas predisposições, sua coordenação e o índice fracionário de desperdício de seus movimentos.

Mas tenho de terminar aqui este primeiro capítulo da minha narrativa. Já são nove horas, e no corredor da morte isso significa “hora de apagar as luzes”. Já posso ouvir as passadas macias do guarda com sua botina de borracha, que vem me censurar porque minha lamparina ainda está acesa. Como se aqueles que estão vivos pudessem censurar os condenados à morte!

SOU DARRELL STANDING. LOGO VÃO ME ENFORCAR. ENQUANTO ISSO NÃO ACONTECE, CONTO MINHA HISTÓRIA; registro nestas páginas experiências vividas em tempos remotos.

Depois de ter sido condenado, vim passar o resto da minha vida na prisão de San Quentin. Sou um incorrigível, ou seja, um ser humano terrível. Pelo menos, essa é a conotação de “incorrigível” na psicologia da prisão. Acabei ficando assim porque detesto o desperdício de movimentos. A prisão é uma afronta ao desperdício de movimentos. Eles me puseram na fiação de juta. O crime do desperdício me irritou.-E por que não me irritaria, se eliminar o desperdício era a minha especialidade? Antes da invenção dos teares a vapor, há três mil anos, eu já apodrecia numa prisão da velha Babilônia. Acredite em mim, falo a verdade quando digo que naqueles dias da Antiguidade nós, os prisioneiros, fiávamos mais eficazmente em teares manuais do que os prisioneiros de San Quentin, nos teares a vapor.

O crime do desperdício era odioso. Eu me rebelei. Tentei mostrar para os guardas inúmeras formas mais eficientes e fui denunciado por eles. Recebi como punição o calabouço e a privação de luz e comida. Voltei e tentei trabalhar no caos de ineficiência da fiação. Eu me rebelei. Recebi o calabouço e uma camisa-de-força. Fui amarrado pelos pulsos e tornozelos em forma de cruz e surrado nas partes íntimas pelos guardas, cuja inteligência mostrava apenas que eu era diferente, não tão estúpido como eles.

Suportei dois anos essa perseguição absurda. É terrível para um homem ser amarrado e roído por ratos. Isso mesmo! Os guardas eram uns ratos; eles roíam a minha inteligência, destruíram

o que havia em mim de sentimento e consciência. E eu, que no passado fora um bravo lutador, nesta vida atual era apenas um fazendeiro, um especialista em agricultura, um professor preso a uma escrivaninha, um escravo do laboratório, interessado somente no solo e no aumento de sua produtividade.

Lutei nas Filipinas porque era a tradição dos Standing lutar, mas não tinha nenhuma aptidão para isso. Achava um absurdo introduzir substâncias explosivas nos corpos daqueles homens. Achava ridículo testemunhar a ciência prostituir-se para inventar esse tipo de estratégia marcial.

Como dizia, fui para a guerra e descobri que essa não era a minha aptidão. Pelo menos, assim julgaram os meus oficiais, pois fizeram de mim um escrivão da Intendência e foi como tal, numa escrivaninha, que lutei na Guerra Hispano-americana. Portanto, foi como um pensador que me rebelei contra o desperdício de movimentos nas salas de fiação e fui perseguido pelos guardas até me tornar um “incorrigível”. Eu levava a culpa por tudo o que acontecia. Então, quando a minha incorrigibilidade tornou-se notória e o diretor Atherton me convocou ao seu escritório para discutir o problema, eu disse a ele:

— É absurdo, caro diretor, o senhor pensar que essas suas ratazanas podem arrancar do meu cérebro coisas que estão claras e definidas em minha mente. A organização desta prisão é ridícula. O senhor é um político. E como tal consegui mexer os pauzinhos com os grãos de São Francisco para chegar à posição que ocupa. Mas não sabe fiar juta. Suas salas de fiação estão cinquenta anos atrasadas...

Mas por que continuar com o sermão? Sim, porque aquilo foi um sermão! Eu lhe mostrei como ele era tolo e, como resultado, ele decidiu que eu era um incorrigível irrecuperável.

Dê má forma a um cachorro e... você conhece o ditado. Muito bem! O diretor Atherton propagou a minha má fama. Então, tudo o que acontecia era atribuído a mim. Pagava pela infração dos outros condenados no calabouço a pão e água, ou sendo pendurado pelos polegares por longas horas; cada uma dessas horas era mais longa do que qualquer vida que eu tivesse vivido.

Homens inteligentes são cruéis. Os estúpidos são monstruosamente cruéis. Os guardas e os homens acima de mim, incluindo o diretor, eram uns monstros estúpidos. Aguarde, e você vai saber o que eles me fizeram! Havia um poeta na prisão, um poeta degenerado de cabeça chata e testa larga. Era um falsário, um covarde, um dedo-duro, um alcaguete — palavras estranhas para um professor de agronomia usar num livro, mas até um professor pode aprender esse tipo de palavreado quando é confinado numa prisão pelo resto da vida.

O nome desse poeta-falsário era Cecil Winwood. Ele tinha condenações anteriores, mas, por ser um hipócrita choramingão, sua última pena fora de apenas sete anos. Com bom comportamento, ele reduziria esse tempo substancialmente, enquanto que minha sentença era perpétua. Entretanto, esse miserável, para ganhar alguns anos de liberdade, conseguiu acrescentar uma parcela de eternidade à minha sentença perpétua.

Vou contar o que aconteceu do fim para o começo, pois só descobri tudo tempos depois. Esse tal Cecil Winwood, para conseguir favores do chefe da Guarda e, por conseguinte, do diretor da Junta Diretora da prisão, da Junta de Apelação e do Governador da Califórnia, arquitetou uma fuga da prisão. Repare em três pontos: primeiro, Cecil Winwood era tão detestado pelos outros condenados que eles não lhe permitiam apostar cem gramas de tabaco *Bull Durham* numa corrida de percevejos. E olhe que corrida de percevejos era um grande esporte entre os prisioneiros! Segundo, eu tinha uma péssima fama; terceiro, para sua armação, Cecil Winwood precisava dos mal-afamados, dos condenados à prisão perpétua, dos desesperados, dos incorrigíveis.

Mas os condenados à prisão perpétua odiavam Cecil Winwood e, quando ele os abordou com um plano de fuga em massa, todos riram dele e o xingaram de dedo-duro. Mas, no fim, ele os enganou, quarenta dos mais empedernidos condenados da penitenciária. Ele os abordou de novo e mais outra vez. Falou do poder que tinha na prisão, por gozar da confiança do diretor e porque administrava a enfermaria.

— Prove isso! — disse Bill Hodge, um montanhês que

cumpria prisão perpétua por assalto a trem e que ansiava escapar para matar o comparsa que o havia denunciado.

Cecil Winwood aceitou o teste. Ele alegou que podia dopar os guardas na noite da fuga.

— Falar é fácil — contestou Bill Hodge. — O que nós queremos são provas. Você tem de dopar um dos guardas esta noite. Tem o Barnum. Ele não presta. Ele bateu no China ontem no Manicômio, e estava de folga. Ele vai estar de guarda esta noite. Você tem de dopá-lo e fazer com que ele perca o emprego. Depois disso, a gente volta a conversar.

Tudo isso Bill Hodge me contou depois, no calabouço. Cecil Winwood hesitou diante da urgência da demonstração. Alegou que precisava de tempo para roubar o narcótico na enfermaria. Eles lhe deram o tempo necessário e, uma semana depois, ele avisou que estava pronto. Quarenta homens empedernidos, condenados à prisão perpétua, esperaram para ver o guarda Barnum dormir no seu turno. E Barnum realmente adormeceu em serviço e foi demitido.

É claro que esse fato convenceu os presos. Mas ainda era preciso convencer o chefe da Guarda. Cecil Winwood informava-lhe diariamente sobre o andamento do plano de fuga, fruto de sua própria imaginação. Mas o chefe da Guarda queria provas. Winwood as forneceu; eu só fiquei sabendo dos detalhes um ano depois, pois os segredos das intrigas da prisão vazam muito devagar.

Winwood disse-lhe que os quarenta homens envolvidos na fuga, que confiavam nele plenamente, tinham tanto poder na prisão que iam começar a contrabandear pistolas automáticas por intermédio de um dos guardas que fora subornado.

— Preciso de provas! — exigiu o chefe da Guarda.

E o poeta-falsário lhe provou. Na padaria, o trabalho noturno era normal. Um dos condenados, padeiro profissional, estava no primeiro turno da noite. Ele era um alcaguete do chefe da Guarda, e Winwood sabia disso.

— Esta noite — ele disse para o chefe —, Summerface trará uma dúzia de pistolas 44, automáticas. Na próxima folga, ele traz a munição. Esta noite, ele vai me entregar as automáticas na padaria. O senhor tem um alcaguete lá, não

é? Ele vai lhe contar tudo amanhã.

Summerface era um caipirão robusto, natural do condado de Humboldt, e um simplório que gostava de ganhar um dólar honesto, contrabandeando tabaco para os condenados. Naquela noite, voltando de São Francisco, ele trouxe sete quilos de tabaco de primeira qualidade e os entregou para Cecil Winwood, na padaria. Ele já tinha feito isso antes. Era um pacote grande, sólido, embrulhado em papel comum. O padeiro dedo-duro, de seu esconderijo, viu o pacote ser entregue e informou ao chefe da Guarda na manhã seguinte.

Enquanto isso, a imaginação do poeta-falsário ia longe. Só que ele cometeu um erro que me custou cinco anos de confinamento na solitária, de onde escrevo agora. E, durante todo o tempo, eu não sabia de nada. Eu sequer sabia da fuga que ele tinha induzido os quarenta prisioneiros a planejar. Eu não sabia de nada, de absolutamente nada. E o resto dos homens pouco sabia. Os condenados à prisão perpétua nem suspeitavam que ele os estava traindo. O chefe da Guarda também não sabia que participava de uma trama forjada. Summerface era o mais inocente de todos. Na pior das hipóteses, sua consciência poderia acusá-lo apenas de contrabandar um pouco daquele inofensivo tabaco.

E agora vejamos o deslize tolo e melodramático de Cecil Winwood. Na manhã seguinte, quando se encontrou com o chefe da Guarda, ele estava triunfante. Sua imaginação corria solta:

— Bem, o negócio chegou como você disse — comentou o chefe da Guarda.

— O suficiente para mandar metade desta prisão pelos ares — confirmou Winwood.

— O bastante para quê? — o capitão quis saber.

— Ora, dinamite e detonadores! — se exibiu o imbecil. — Quinze quilos. O padeiro viu Summerface me entregar a mercadoria.

Nesse instante, o chefe da Guarda quase teve um ataque. Eu posso até entender: quinze quilos de dinamite na prisão!!!

Disseram-me que o capitão Jamie (esse era o seu apeli-

do) caiu na cadeira e segurou a cabeça com as mãos.

— Onde ela está agora? — ele gritou. — Eu quero a dinamite. Mostre-me agora onde ela está!

Só então Cecil Winwood percebeu o seu erro.

— Eu escondi — mentiu.

Ele foi compelido a mentir, pois o tabaco, embrulhado em pacotes pequenos, já tinha sido distribuído entre os condenados pelos canais habituais.

— Muito bem! — disse o capitão Jamie, enquanto se recompunha. — Leve-me agora ao local onde ela está escondida.

Mas não havia poderosos explosivos escondidos para mostrar. A coisa não existia, nunca havia existido, exceto na imaginação do miserável do Winwood.

Em uma prisão grande como a San Quentin há sempre lugar para esconder as coisas. E enquanto Cecil Winwood conduzia o capitão Jamie, bolou algo rapidamente, pois, conforme eles testemunharam diante do Conselho de Administração, a caminho do esconderijo afirmou que nós dois tínhamos escondido juntos a dinamite.

E eu, que acabara de sair de cinco dias no calabouço e oitenta horas na camisa-de-força; eu, que até mesmo os guardas podiam ver que estava muito fraco para trabalhar na fiação; logo eu, que tinha recebido o dia de folga para me recuperar de uma punição excessivamente terrível, fui acusado de tê-lo ajudado a esconder os quinze quilos inexistentes de dinamites.

Winwood conduziu o capitão Jamie ao suposto esconderijo. Claro que eles não acharam nenhuma dinamite!

— Meu Deus! — Winwood mentiu. — Standing me traiu. Ele tirou tudo daqui e escondeu em algum outro lugar.

O chefe da Guarda, então, disse coisas bem mais enfáticas que simplesmente “Meu Deus!”. E, com o ódio do momento, ele levou Winwood até o seu escritório, trancou a porta e, com o sangue frio que lhe era peculiar, espancou-o violentamente. Tudo isso veio à tona diante da Junta Diretora. Mas isso foi depois. Enquanto era surrado, Winwood jurava que era verdade o que havia contado.

O que o capitão Jamie podia fazer? Ele estava convenci-

do de que havia quinze quilos de dinamite dentro do presídio e que quarenta condenados estavam prontos para uma fuga. Ele também interrogou Summerface, que insistiu que no pacote havia apenas tabaco. Winwood, por sua vez, continuava jurando que era dinamite. Então, prevaleceu a sua versão.

É nesse ponto que eu entro, ou melhor, saio, pois me arrancaram da luz do dia para o calabouço. E lá, na solitária, na escuridão, apodreci durante cinco anos.

Fiquei confuso. Eu mal tinha saído da solitária e estava deitado, cheio de dores, em minha cela habitual, quando fui levado de volta para o calabouço.

— Agora — disse Winwood para o capitão Jamie —, mesmo que não saibamos onde a dinamite está, ela está a salvo. Standing é o único homem que sabe, e ele não pode espalhar a notícia lá do calabouço. Os homens estão prontos para tentar a fuga. Podemos pegá-los em flagrante. Eu é quem vou combinar o horário. Vou dizer para eles que esta noite, às duas horas, vou dopar os guardas, abrir as celas e lhes dar as automáticas. Se, às duas da madrugada, o senhor não pegar os quarenta homens que vou lhe indicar, vestidos e bem acordados, então, capitão, pode me colocar na solitária pelo resto de minha pena. Com o Standing e esses quarenta, espremidos no calabouço, vamos ter todo o tempo do mundo para encontrar a dinamite.

— Nem que para isso seja preciso revirar pedra por pedra da prisão — acrescentou com raiva o capitão Jamie.

Isso aconteceu há seis anos. Durante todo esse tempo, eles procuraram o explosivo, reviraram a prisão de cabeça para baixo, e nada encontraram. Mas, assim mesmo, até seu último dia no cargo, o diretor Atherton acreditou na existência daquela dinamite. O capitão Jamie, que ainda é o chefe da Guarda, acredita até hoje que a dinamite está escondida em algum lugar na prisão. Ainda ontem, ele viajou a Folsom para tentar de novo fazer com que eu revelasse o esconderijo. Sei que ele só vai respirar aliviado quando me enforcarem.

DURANTE TODO AQUELE DIA, FIQUEI DEITADO NO CALABOUÇO, QUEBRANDO A CABEÇA PARA TENTAR DESCOBRIR A RAZÃO daquele novo e inexplicável castigo. Tudo que podia concluir era que algum dedo-duro tinha atribuído a mim a culpa de alguma infração, para conseguir cair nas boas graças dos guardas.

Enquanto isso, o capitão Jamie, profundamente aflito, preparava-se para a noite e Winwood avisava os quarenta prisioneiros para ficarem a postos para a fuga. Quando deu duas horas da manhã, todos os guardas da prisão estavam de prontidão, inclusive os do turno do dia, que deveriam estar dormindo. Então, eles invadiram simultaneamente todas as celas ocupadas pelos quarenta. Os homens indicados por Winwood foram encontrados fora de seus beliches, totalmente vestidos, agachados atrás das portas. Claro que essa foi a prova absoluta para a trama que o poeta-falsário tinha inventado para o capitão Jamie! Os quarenta condenados foram pegos em flagrante, prontos para fugir. O que aconteceu quando todos eles disseram, depois, que a fuga tinha sido planejada por Winwood? A Junta Diretora da Prisão acredi-